

Os gritos que o Brasil nunca ouviu

Lançamento de *Luta*, substantivo feminino traz à tona histórias de mulheres torturadas no regime militar

Por Carlos Oliveira,
Larissa Marolla
e Luiza Monteiro

“Muitos deles vinham assistir para aprender a torturar. E lá estava eu, uma mulher franzina no meio daqueles homens alucinados, que quase babavam.” Essas palavras são de Dulce Maia, ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e sintetizam bem as muitas vozes femininas caladas na ditadura militar e resgatadas agora em livro.

Luta, Substantivo Feminino foi lançado em 25 de março na PUC-SP, tem apresentação de Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, e introdução de Nilcéia Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Textos curtos e boxes explicativos sobre o contexto histórico entremeiam os 27 depoimentos inéditos de sobreviventes e 45 histórias de mortas ou desaparecidas. Os relatos revelam técnicas de tortura que vão do pau de arara e cadeira do dragão à privação dos filhos e parceiros, uma soma de pressão física e psicológica que objetivava, nas palavras da sobrevivente Eleonora Menicucci de Oliveira, “destruir a sexualidade, o desejo, a autoestima, o corpo”.

O desrespeito com o corpo da mulher e a ideia de que quem optou pela luta armada renunciou à própria humanidade estão escancarados nas atitudes dos militares ao longo das 200 páginas editadas pela *Caros Amigos*. A violência sexual não estava presente apenas na forma do estupro: “Só nos interrogavam totalmente nuas, juntando a dor da tortura física à humilhação sexual”, conta no livro Gilse Cosenza, ex-militante da Ação Popular (AP).

A professora aposentada do curso de Serviço Social da PUC-SP Yara Spadini trabalhava como assistente social quando foi presa em 1971. Em seu relato, conta que “O tom era de ‘por que você não está em casa, ao invés de estar aqui? Por que você perde tempo com coisas que não lhe dizem respeito?’. Era como se você merecesse ser torturada porque estava fazendo o que não devia ter feito”.

Damaris Lucena, ex-militante da VPR, era feirante quando foi presa em 20 de fevereiro de 1970 em Atibaia (SP). Sobrevivente das torturas da ditadura, tem seu depoimento no livro e conta como presenciou a morte de seu marido, quando teve sua casa invadida e os abusos que sofreu na mão dos militares: “Quando eu cheguei na delegacia, o pau comeu solto: arrancaram os meninos de mim, me jogaram no chão, pisaram em cima de mim. Eu rolava no chão toda ensanguentada. (...)Era soco, pontapé, batiam no meu quadril. Apanhei tanto na boca que a dentadura enganchou na gengiva”.

Em entrevista ao *Contraponto*, Damaris, hoje com 82 anos, diz que, apesar de tudo, não se arrepende do que fez na militância: “Não tenho um pingote de arrependimento do que fiz. E se fosse pra fazer, eu faria de novo, só que ia fazer melhor”. Damaris é otimista quanto à juventude



Luta, colhendo retratos e reconstruindo depoimentos

Os horrores da ditadura são lembrados em cada declaração. “Os relatos são de torturas, as mais bárbaras possíveis” diz Tatiana Merlino, organizadora do livro. Tatiana comenta que a coleta de depoimentos seguiu certos critérios: “tentamos contemplar mulheres de vários estados do Brasil, de diversas organizações, desde as que foram para a luta armada até as que eram ligadas à igreja e faziam trabalhos em comunidades de base”. Lembra ainda que, durante as entrevistas, algumas mulheres passaram mal e desmaiaram ao relatarem suas histórias.

O livro é uma investigação necessária que não se atém a números e estatísticas, optando por dar voz àquelas que tiveram os gritos abafados nos porões da ditadura. *Luta* faz parte do projeto de Direito à Memória e à Verdade do Terceiro Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), que tem como uma de suas propostas o incentivo à apuração e ao esclarecimento em caráter público das violações de Direitos Humanos praticadas durante a ditadura brasileira. Esta promoção deve ser realizada em uma Comissão Nacional da Verdade, ainda não instalada, com finalidade também de impedir que tais violações ocorram novamente no Brasil.

Um fato curioso diz respeito à não inclusão do depoimento da candidata à presidência a República Dilma Rousseff, que participou da resistência à ditadura militar na Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, a VAR-PALMARES, pegando em armas e sendo perseguida e torturada. A Secretaria Especial dos Direitos Humanos, junto à Presidência da República, alega que optou pela não inclusão para não sugerir uma jogada eleitoral do governo.

Não houve muito destaque da obra na grande mídia. A coluna da jornalista Eliana Catanhêde na *Folha de S. Paulo* foi o único espaço do jornal, no qual se comentou o livro, por exemplo. Para Tatiana, “a repercussão na mídia foi pífia.” Merlino lembrou, ainda, que a pequena tiragem do livro (cerca de dois mil exemplares), talvez tenha sido um dos motivos pelos quais o livro só repercutiu mais significativamente entre historiadores, jornalistas ligados à esquerda, representantes de ONGs e entidades ligadas aos Direitos Humanos.

O livro tem muito a dizer para a sociedade brasileira, que conhece muito pouco sobre o que foi o período da ditadura no Brasil. *Luta, Substantivo Feminino* é um grito cortante. Mostrou ser um ótimo passo na luta pelos Direitos Humanos, ainda que sua tiragem baixa tenha contribuído para a pouca divulgação nas grandes mídias.

O livro está disponível integralmente no link <http://portal.mj.gov.br/sedh/livromulheres.pdf>.

Para solicitar uma cópia física, entrar em contato com Jacqueline Silva em jacqueline.silva@sedh.gov.br



Damaris Lucena em 2010



Imagens emblemáticas sustentam as narrativas do livro

“Essa juventude que está florescendo não vai pegar em arma. A melhor arma que essa juventude pode pegar é a consciência”
(Damaris Lucena)

que nasceu no Brasil pós-ditadura: “Eu estou viva porque eu sou feita de aço (...) Só sei que estou muito feliz. Essa juventude que está florescendo não vai pegar em arma. A melhor arma em que essa juventude pode pegar é a consciência”.